

## **Elementos Referenciais na Libras: uma Análise Realizada a partir de Anáforas Diretas em Língua Portuguesa**

### **Referential elements in Libras: an analysis conducted from direct anaphors in Portuguese language**

Leidiani da Silva Reis\*

\* Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE, Cascavel – PR, 85819-170,  
e-mail: vigoes2019@gmail.com

Jorge Bidarra\*\*

\*\*Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE, Cascavel – PR, 85819-170,  
e-mail: jorgebidarra@hotmail.com

**Resumo:** O processo de referenciação nas línguas depende de uma série de fatores cognitivos, linguísticos e discursivos, sendo fundamental para a condução da progressão textual, para a constituição dos sentidos e para os propósitos comunicativos dos interlocutores. Em se tratando dos elementos referenciais em uma língua orauditiva e em uma visuoespacial, podemos inferir que há complexidades e singularidades que denotam diferenças relevantes quanto à operação linguística em questão. Nesse sentido, buscamos responder, nesse artigo, a seguinte indagação: (i) Como a anáfora que se realiza na Língua Portuguesa ocorre na Língua Brasileira de Sinais (Libras), considerando-se a diferença de modalidade entre as duas línguas? Assim sendo, o objetivo geral desse trabalho é refletir sobre os processos referenciais realizados por sujeitos surdos na Libras diante das ocorrências de anáforas diretas em recortes textuais da Língua Portuguesa, em um viés tradutório. Para a realização da pesquisa, selecionamos recortes textuais escritos em Língua Portuguesa compostos por anáforas diretas, os quais foram submetidos ao sujeito surdo para a tradução em Libras, possibilitando em seguida realizar a análise dos processos referenciais na Libras. Com a análise do *Corpus Paralelo Português-Libras* foi possível perceber como a anáfora que sai da Língua Portuguesa pode chegar na Libras, considerando as estratégias de construção de cadeias referenciais específicas da modalidade visuoespacial. É indispensável destacar a simultânea relação entre a anáfora e a dêixis presente nas glosas-Libras analisadas, contribuindo para a construção dos sentidos na Libras, e representando dinamicidade e a fluidez entre os processos referenciais.

**Palavras-chave:** Processo referencial; Libras; Língua portuguesa; Tradução.

**Abstract:** The process of referencing in languages relies on several cognitive, linguistic and discursive factors. Reference is key for guiding the text progression, building meaning and conveying the communicative goals of the interlocutors. There are some complexities and singularities in the referential elements in oral languages and in the visuospatial ones, showing relevant differences that are worthy of observation. Bearing this in mind, this paper presents the following research question: how is the anaphor from the Portuguese language displayed in Brazilian Sign Language (Libras), taking into account the difference of modality between the two? Thus, the main goal of this work is to reflect on the referential processes performed by deaf subjects in Libras and to compare them with the direct anaphors found in short texts in Portuguese. For this purpose, we have selected short texts written in Portuguese with direct anaphors, which had been submitted to a deaf

subject for their translation into Libras, therefore allowing the analysis of the referential processes in Libras. Thanks to the analysis of the Parallel Portuguese-Libras Corpus, it was possible for us to detect how the anaphor from the Portuguese language can be expressed in Libras, considering the building strategies for referential chains typical from the visuospatial modality. It is essential to highlight the simultaneous occurrence of anaphor and deixis in the analysed Libras-glosses, which contributes to the building of meaning of Libras and proves there is dynamism and fluency between the referential processes.

**Key words:** Referential process; Libras, Portuguese language; Translation.

## INTRODUÇÃO

Mondada e Dubois (1995) rejeitam as concepções que veem o processo de referir como uma relação especular língua-mundo, nas quais as “coisas” da realidade já existem e a função dos sujeitos é apenas nomeá-las por intermédio da língua. As autoras propõem o termo referenciação para expressar a ideia do dinamismo que envolve o processo, no qual se dá uma construção e uma reconstrução de objetos do discurso. Para as precursoras dos estudos sobre a referenciação, os objetos do discurso, sendo produzidos e desenvolvidos discursivamente, não devem ser entendidos como se já estivessem prontos para serem utilizados e, além disso, como se fossem válidos para todos os sujeitos, pois eles não são estáticos e não seguem uma norma, mas são produzidos e mobilizados conforme o contexto de interação. Em outras palavras, eles são “representações semióticas (constantemente reformuláveis) e não entidades da realidade preexistentes à interação” (SANTOS; CAVALCANTE, 2014, p. 226).

Mesmo com todo enredamento envolvido no modo como se manifestam e na forma como se relacionam os itens que fazem parte do processo de referenciação, evoluções relevantes já podem ser notadas no campo das línguas orais, inclusive na Língua Portuguesa. Quanto às línguas de sinais, em específico à Libras, trata-se de uma área bastante profícua. Nesse sentido, buscamos refletir nesse artigo sobre os processos referenciais realizados por sujeitos surdos na Libras diante das ocorrências de anáforas diretas em recortes textuais da Língua Portuguesa, em um viés tradutório<sup>1</sup>. Partimos da hipótese de que “referência em Libras funciona de maneira similar àquela das línguas orais, tais como o Português. Entretanto, [...] observamos algumas especificidades que, provavelmente, são devidas à modalidade espaço-visual de língua” (FERREIRA BRITO,

---

<sup>1</sup> É importante destacar que esse artigo é resultado de investigação de Doutorado.

2010, p. 115), entre elas supomos, por exemplo, a construção do referente em pontos específicos no espaço de sinalização, o qual conduz toda cadeia referencial.

Para o desenvolvimento do trabalho, atrelamos ao processo analítico: (i) a perspectiva teórica da referenciação moderna, a partir de estudos desenvolvidos, principalmente, na Língua Portuguesa, em que os processos referenciais apresentam características, muitas vezes em um *continuum*, não permitindo uma divisão estanque entre eles (CIULLA, 2008; SANTOS; CAVALCANTE, 2014; MORAIS, 2017); e (ii) os trabalhos que dizem respeito ao processo referencial nas línguas de sinais, ou seja, usamos também os estudos realizados em outras línguas visuoespaciais, especialmente partindo da proposta de Pizzuto et al. (2006), desenvolvida nas línguas de sinais Americana (ASL), Francesa (LSF) e Italiana (LIS), em que os pesquisadores propõem o entrecruzamento do dêitico e da anáfora - por isso, denominado *dêitico-anafórico* -, permitindo aos sinalizantes mostrar (dêixis) e retomar (anáfora) referentes no espaço de sinalização, simultaneamente, mediante duas grandes classes de dêitico-anafórico: classe padrão e classe de complexas unidades manuais e não manuais.

## OS PROCESSOS REFERENCIAIS NA PERSPECTIVA SOCIOCOGNITIVOINTERACIONAL

De forma geral, os estudos da referenciação destacam os seguintes processos referenciais: *introdução*, *retomada* e *desfocalização* de objetos do discurso, os quais são assim definidos por Koch e Elias (2006):

- i. *Introdução*: acontece quando um “objeto” até então não mencionado é introduzido no texto, de modo que a expressão linguística que o representa é posta em foco, ficando esse “objeto” saliente no modelo textual.
- ii. *Retomada*: ocorre quando um “objeto” já presente no texto é recuperado por meio de uma forma referencial, de modo que o objeto de discurso permaneça em foco.
- iii. *Desfocalização*: sucede quando um novo “objeto” é introduzido no texto, passando a ocupar a posição focal. Contudo, o objeto retirado de foco permanece em estado de ativação parcial, ou seja, ele continua disponível para a utilização imediata sempre que necessário (KOCH; ELIAS, 2006, p. 125-126).

A retomada, marcada principalmente pela anáfora – foco de partida nesse trabalho -, caracteriza-se por manter os objetos do discurso em destaque, dando sustentação à coesão e à coerência, uma vez que é utilizada para que a temática seja processada de forma progressiva e significativa. Nesse sentido, Koch (2005, p. 131) afirma que ela é “a operação responsável pela manutenção em foco, no modelo de discurso, de objetos previamente introduzidos, dando origem às cadeias referenciais ou coesivas, que são responsáveis pela progressão referencial do texto”.

Na perspectiva teórica sociocognitivainteracional do processo referencial, adotada neste trabalho, autores como Apothéloz (2003), Koch e Marchuschi (1998), Mondada e Dubois (2003), Ciulla (2008), Morais (2017), Santos e Cavalcante (2014), entre outros, consideram que a anáfora se constitui no interior do discurso como uma atividade colaborativa de interação entre os sujeitos. Nesse sentido, o sujeito, a partir da ativação de um objeto do discurso, com objetivos bem definidos, seleciona uma anáfora com a qual constrói a sequência de sentido de seu enunciado. Essa sequência permite a esse sujeito manter informações conceituais referentes ao tema sobre o qual está discorrendo. Para Morais (2017), “a escolha de determinadas anáforas está intimamente relacionada às representações e papéis sociais, aos propósitos comunicativos dos enunciadores e ao próprio sentido que se deseja atribuir ao texto” (MORAIS, 2017, p. 44).

Uma das maneiras de garantir a continuidade do texto, como argumenta Cavalcante (2011), é pelo uso de anáforas diretas, que representam uma relação de correferencialidade com alguma expressão cotextual. A relação de correferência acontece quando duas expressões designam o mesmo referente no discurso: “há correferência entre duas expressões sempre que elas designam no discurso o mesmo referente” (APOTHÉLOZ, 2003, p. 61). A anáforas diretas podem acontecer nas retomadas por pronomes (de ordem gramatical) ou por formas nominais (de ordem lexical). Ocorrendo por formas nominais, o referente pode ser recuperado por meio da repetição - parcial ou total -, por meio descrição nominal definida, por meio de hiperônimos, por nomes genéricos, entre outras possibilidades.

## O PROCESSO REFERENCIAL NAS LÍNGUAS VISUOESPACIAIS

Schlenker (2016), autor contemporâneo da Língua de Sinais Americana (ASL), defende que, nas línguas visuoespaciais, o espaço e o apontamento (dêítico) são

componentes efetivos da anáfora, principalmente quando se trata de uma anáfora pronominal, em outras palavras, “[...] se o pronome é usado anaforicamente, o antecedente tipicamente estabelece um local, o qual é, em seguida, 'indexado' (=apontou para) pelo pronome. O antecedente sintagma nominal é acompanhado com sinal de apontação que estabelece o ‘loci’ relevante” (SCHLENKER, 2016, p. 7, tradução nossa).

Nesse mesmo sentido, Landaluce (2015), investigador espanhol que desenvolveu a tese “La deixis en la Lengua de Signos Española (LSE): Efectos de la modalidad espaciovisual”, aponta a anáfora como uma forma de uso da dêixis, trazendo uma discussão bastante congruente quanto a essa parceria referencial. Ele assevera que, embora em muitas línguas existam elementos exclusivamente anafóricos, que não têm vestígios dêíticos, é muito comum um elemento dêítico ser utilizado simultaneamente à anáfora, nas línguas visuoespaciais.

Na Libras, conforme a pesquisadora Ferreira Brito (2010), uma especificidade do processo referencial é o uso frequente da dêixis, concedendo-lhe um papel essencial na construção e na reconstrução do referente. Para a referida autora, a dêixis, no seu sentido mais “puro”, tem a função apenas referencial. Atualmente, o conceito de dêixis tornou-se muito mais amplo e muitos deles transmitem informações não-referenciais também. “*Os dêíticos são usados frequentemente, em Libras, para referirem e correferirem. Por correferência, entende-se aqui todos os termos que tradicionalmente são chamados de anáfora e catáfora*” (FERREIRA BRITO, 2010, p. 116, grifos nossos). Em outras palavras, podemos entender que, assim como em outras línguas de sinais, na Libras, o dêítico, além de exercer a função de apontar, também executa o papel de retomar; ou seja, há um exercício simultâneo do dêítico e da anáfora, o qual é denominado de dêítico-anafórico.

Para Reis (2019), partindo da perspectiva da referenciação como uma prática discursiva, marcada por situações sociocognitivas e interacionais, torna-se indispensável destacar a simultânea relação entre a anáfora e a dêixis na Libras, o que contribui efetivamente para a construção dos sentidos entre os sinalizantes e o desenvolvimento de cadeia referencial específica da modalidade visuoespacial, representando a dinamicidade e a fluidez entre os processos referenciais na Libras.

Também sobre o processo referencial nas línguas de sinais, os autores Elena Pizzuto, Paolo Rossini, Marie-Anne Sallandre e Erin Wilkinson (2006), trazem no texto “*Deixis, Anaphora and Highly Iconic Structures: Crosslinguistic Evidence on American (ASL), French (LSF) and Italian (LIS) Signed Languages*”, uma discussão sobre a

construção do dêitico-anafórico nessas línguas de sinais destacadas. Esses pesquisadores definem as estruturas dêitico-anafóricas como recurso de coesão textual que permitem a falantes ou sinalizantes mostrar (dêixis) e retomar (anáfora) referentes no discurso, simultaneamente.

A partir de uma análise comparativa de narrativas sucintas produzidas na ASL, na LSF e na LIS, a pesquisa proporciona evidências importantes sobre o processo referencial nas três línguas de sinais. Mais especificamente, os dados analisados permitem avaliar a influência das relações entre as línguas a respeito dos referidos fenômenos investigados. Os autores propõem duas grandes classes de dêitico-anafóricos, nas línguas visuoespaciais. A primeira é a classe ‘padrão’, realizada por meio de apontações manuais e visuais, que estabelecem posições marcadas no espaço (os ‘*loci*’). Nessa classe, os referentes podem ser simbolicamente atribuídos. Alguns fatores são relevantes para o processo anafórico nessa classe, entre eles: i) a direção do olhar: a anáfora ocorre com a marcação acentuada da direção dos olhos; ii) a soletração (datilologia): o pronome chama a atenção do interlocutor para a soletração, e a relação entre a soletração e o objeto referido é de inferência, como no exemplo: <ELA M-A-R-I-A>; e iii) a locação: apontamento direcionado no espaço.

A segunda classe proposta por Pizzuto et. al. (2006) é a de complexas unidades manuais e não manuais, que não são sinais de apontação nem podem ser classificadas como sinais padrões. Essas unidades apresentam características altamente icônicas – denominadas Estruturas Altamente Icônicas (EAIs) ou *Transferências* (CUXAC, 2000) – e são marcadas por padrões específicos do olhar, por formas manuais que codificam atributos perceptíveis salientes das relações entre o referente e o elemento referencial, e por expressões faciais marcadas e/ou modificações da cabeça, dos ombros e do tronco, tipicamente identificadas como ‘recursos de troca de papéis’.

Essas classes, ‘padrão’ e ‘de complexas unidades manuais e não manuais’, foram amplamente detectadas nas línguas de sinais estudadas, por essa razão, podem representar uma das características que distanciam essas línguas das línguas oroauditivas, fato detectado, por exemplo, na investigação de Reis (2019). Tais classes são, aparentemente, muito semelhantes em várias outras línguas de sinais do mundo, o que torna plausível supor que elas sejam estruturas universais ou quase universais (PIZZUTO et al., 2006).

Com base nos estudos elencados, pudemos observar que há algumas peculiaridades nas línguas visuoespaciais no que diz respeito aos processos referenciais. Mais especificamente, o espaço e o apontamento são essenciais na construção de um

elemento referencial. Os pesquisadores vêm, há algum tempo, discutindo a relação entre o dêitico e a anáfora nas línguas de sinais. Os trabalhos desenvolvidos mostram que, nessa modalidade de língua, não é somente comum, mas necessário muitas das vezes usar o dêitico-anafórico.

## CONSTRUÇÃO DO *CORPUS*

Partindo de uma pesquisa de cunho qualitativo, pautada numa perspectiva de revisão bibliográfica, documental e de campo, para a construção do *corpus* houve, primeiramente, a seleção e a coleta de recortes textuais compostos por anáforas diretas em Língua Portuguesa, extraídos de fontes diversas<sup>2</sup>. Com esses textos pré-selecionados, submetemo-los ao sujeito surdo nato, para a filmagem em Libras – tendo em vista essa necessidade de lidar com o surdo durante o processo de estudo, destacamos que o projeto foi enviado ao Comitê de Ética, o qual aprovou a realização da pesquisa no dia 11/03/2016, por meio do parecer N. (CAAE) 53133816.0.0000.0107.

Com a filmagem do recorte textual interpretado por um surdo, o próximo passo foi transcrevê-la para a interlíngua glosa-Libras, com auxílio do *software* ELAN (EUDICO – *Linguistic Annotator*). Usamos como orientação de transcrição o sistema de notação de glosa proposto por pesquisadores da Universidade Federal de Santa Catarina do Brasil (QUADROS; PIZZIO, 2007), adaptado por Reis (2019). Tal sistema é utilizado na transcrição do Português para Libras a fim de aproximar o significado de um signo de uma língua na outra. Além disso, essa transcrição facilita a análise dos fenômenos linguísticos na passagem de uma língua para outra (SANTOS, 2012).

Assim, os recortes textuais foram organizadas de forma a constituir um *Corpus* Paralelo: temos, de um lado, as sentenças em Língua Portuguesa<sup>3</sup>; de outro, as sentenças em glosa-Libras, para facilitar a comparação. Com o *Corpus* Paralelo disponível, passamos, então, à verificação minuciosa de cada recorte textual, tanto numa língua,

---

<sup>2</sup> Os recortes textuais foram coletados a partir de diversos gêneros textuais a fim de não haver uma motivação de um uso específico de determinada anáfora. Além disso, esse trabalho faz parte de uma pesquisa maior, direcionada pelo grupo “PORLIBRAS: fundamentos para a especificação, modelagem e implementação de Soluções Computacionais com vistas ao desenvolvimento de um sistema bilíngue de tradução automática Português-Libras”, o qual também fará uso desses recortes textuais aleatórios.

<sup>3</sup> Lembramos que para a primeira etapa – coleta do recorte textual em Língua Portuguesa -, os recortes textuais já foram previamente analisados, com vista à composição dos grupos anafóricos diretos.

quanto na outra. Inicialmente, analisamos as anáforas, na Língua Portuguesa, conforme os estudos realizados na perspectiva sociocognitivointeracional da *Referenciação*, pois foi esse o critério por nós escolhido para a seleção dos recortes textuais coletados. Depois, o próximo passo foi analisar o referido fenômeno linguístico nas glosas-Libras, verificando a possível mudança de categoria, ou não, além da sua manutenção, ou não, baseado nas teorias estudadas, notadamente, em relação à perspectiva sociocognitivointeracional da *Referenciação* e à proposta de Pizzuto et al. (2006), referência nas Línguas de Sinais.

### ANÁLISE DO *CORPUS* PARALELO PORTUGUÊS-LIBRAS

Nesse momento, exibimos uma análise representativa do *Corpus* Paralelo Português-Libras o qual desenvolvemos durante a investigação. Considerando o objetivo do trabalho, organizamos o *corpus* paralelo em quadros, subdividindo as análises conforme as anáforas diretas elencadas como foco de partida na Língua Portuguesa: anáfora pronominal, anáfora por repetição, anáfora por descrição nominal, anáfora por hiperonímia e anáfora por nomes genéricos. Assim sendo, apresentamos, para efeito de ilustração, um exemplo de cada anáfora direta que constitui o *Corpus* em Língua Portuguesa, a fim de verificar sua chegada em Libras.

Expomos na primeira coluna dos quadros, recortes textuais em Língua Portuguesa e, na segunda, as glosas-Libras. Destacamos, tanto nos recortes textuais em Língua Portuguesa quanto nas glosas-Libras, o *referente* e o *elemento referencial*, para facilitar a disposição visual. O *referente* é destacado em itálico e sublinhado e o *elemento referencial* em itálico e em negrito. Sendo necessário, são usados outros recursos de realce. Vejamos, a seguir, as análises:

#### *ANÁFORA PRONOMINAL, NA LÍNGUA PORTUGUESA. E NA LIBRAS?*

Conforme elencado, nesse instante, trazemos o *Corpus* Paralelo Português-Libras, a fim de observar, notadamente, como a anáfora pronominal se estabelece na Libras. A anáfora pronominal, na perspectiva da *Referenciação*, ocorre quando o enunciador usa um pronome como forma de retomar o referente já citado anteriormente: “acontece



quando um pronome retoma um sintagma nominal” (HAAG; OTHERO, 2003, p. 68). Vejamos o quadro abaixo, nomeado “*Corpus* Paralelo Português-Libras: anáfora pronominal na Língua Portuguesa”, e sua análise correspondente:

Quadro 01 - *Corpus* Paralelo Português-Libras: anáfora pronominal na Língua Portuguesa

<p>(1a) Quando <u>Maria</u> foi jantar na casa de Joana, <b>ela</b> comeu comida japonesa.</p>	<p>(1b) &lt;M-A-R-I-A- <b>ld</b>&gt; ID IR CASA AMIG@ &lt;J-O-A-N-A-le&gt; COMER^NOITE=JANTAR.  <b>IXld(EL@)</b> COMER JAPONÊS.</p>
--	---

No quadro 01, na sentença (1a), “Maria” é o objeto do discurso em evidência, retomado na sequência por uma anáfora direta pronominal, mediante o pronome pessoal “ela”. Apesar de o pronome pessoal ter como função designar diretamente uma das pessoas do discurso, em LP, esse recorte textual pode gerar certa ambiguidade, pois há a presença de mais um elemento feminino no entorno discursivo, “Joana”. Essa é uma questão interessante para se destacar desde já, uma vez que nas Línguas de Sinais o processo referencial geralmente consegue retirar qualquer vestígio de imprecisão, por meio de correferência explícita. O uso do espaço é sistemático na Língua de Sinais, favorecendo a identificação clara e correta do referente (FERREIRA BRITO, 2010). Nesse sentido, na glosa-Libras (1b), o surdo apresenta o referente por meio da datilologia <M-A-R-I-A>, em um ponto específico do espaço - ‘loci’ <M-A-R-I-A- **ld**>, ou seja, o objeto do discurso em proeminência é indexado do lado direito (**ld**) do sinalizador, enquanto que o outro substantivo próprio feminino, <J-O-A-N-A>, é indexado do lado esquerdo. Após ser marcado de forma clara no espaço, o referente <M-A-R-I-A- **ld**> é


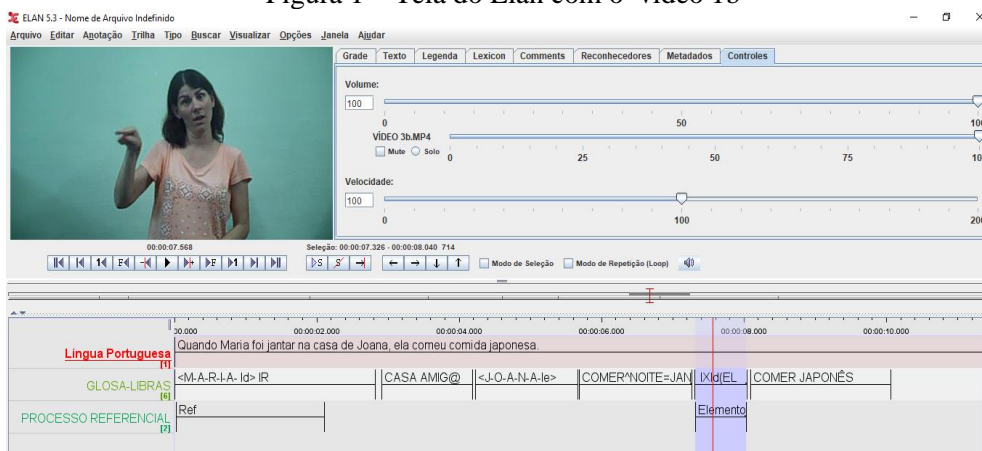
retomado por apontamento manual – configuração de mão em G (  ) - e visual, do lado direito do sinalizador, o que não gera dúvida de que se trata de <M-A-R-I-A>. Junto à anáfora, há também a dêixis, apontando exatamente para o referente intencional. Isso se deve à exploração do espaço feita pelo pronome estabelecido em ponto específico, um recurso exclusivo da modalidade visuoespacial (FERREIRA BRITO, 2010). Temos nesse caso **IXld(EL@)**, o qual podemos caracterizar, neste trabalho, como um *dêitico-anafórico pronominal singular*. Na figura 1, podemos ver a imagem da tela do programa Elan referente ao vídeo (1b) no exato momento da retomada:

Figura 1 – Tela do Elan com o vídeo 1b



Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

### *Anáfora por repetição, na Língua Portuguesa. E na Libras?*

Nesse momento, trazemos o *Corpus* Paralelo Português-Libras a fim de observar, notadamente, como a anáfora por repetição se estabelece na Libras. Haag e Othero (2003) definem a anáfora direta por repetição como anáfora correferencial cossignificativa. Há cossignificação porque ocorre a repetição lexical e o significado se mantém. Seguindo a dinâmica anterior, vejamos a análise do quadro “*Corpus* Paralelo Português-Libras: anáfora por repetição na Língua Portuguesa”:

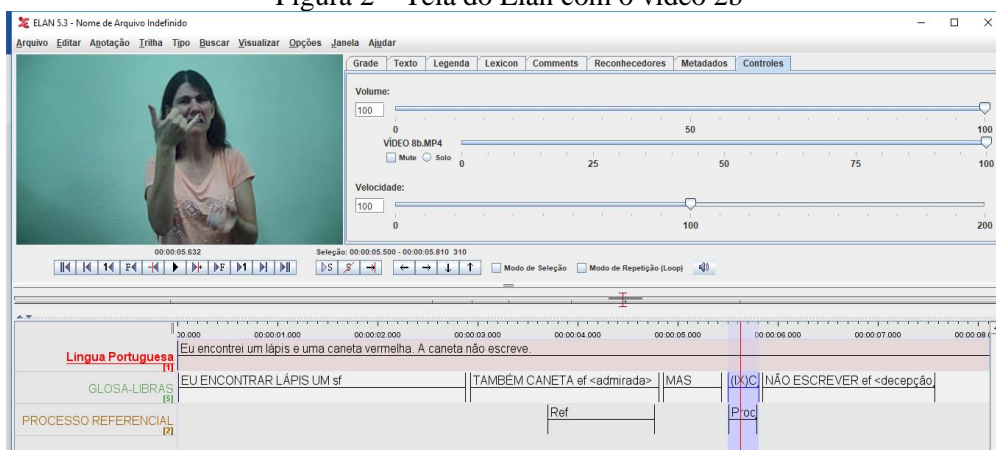
Quadro 02 - *Corpus* Paralelo Português-Libras: anáfora por repetição na Língua Portuguesa

<p>(2a) Eu encontrei um lápis e <u>uma caneta</u>. Infelizmente <b>a caneta</b> não escreve.</p>	<p>(2b) EU ENCONTRAR LÁPIS UM sf TAMBÉM <u>CANETA</u> ef &lt;admirada&gt;, MAS (IX)CANETA- <b>od-ef&lt;chateada&gt;</b> NÃO-ESCREVER ef &lt;decepção&gt; sf.</p>
--	--

O recorte textual (2a), em Língua Portuguesa, é composto pelo referente “uma caneta”. O enunciador opta por retomar esse referente por meio de uma anáfora correferencial por repetição: “a caneta”. Vale destacar que houve apenas a mudança do determinante, mediante o uso do artigo definido “o”, uma vez que o objeto do discurso em questão já havia sido apresentado no cotexto. Em Libras, o tradutor constrói um processo referencial semelhante ao da Língua Portuguesa, com algumas especificidades,

devido à modalidade da Língua de Sinais. Assim sendo, na glosa-Libras (2b), o referente é CANETA, o qual é retomado com o mesmo sinal, porém, com acréscimo do apontamento visual e da expressão facial no espaço de sinalização: (IX)CANETA-od-ef<chateada>. Pesquisadores que são referências no estudo desse tema apresentam esse mecanismo no processo de constituição de retomada do referente: direcionar a cabeça e os olhos em sentido à localização que o referente foi construído, fazendo novamente o sinal desse referente ou apontando para ele no espaço discursivo o qual foi produzido. Considerando esses fatores, na glosa-Libras em análise encontramos um dêitico-anafórico de classe padrão (PIZZUTO et al. 2006) quando da retomada do referente CANETA. Por isso, neste trabalho, nominamos esse processo referencial em (2b) como *dêitico-anafórico cossignificativo*. A figura 2 apresenta a tela do programa Elan com o vídeo (2b), na qual se visualiza o momento da retomada:

Figura 2 – Tela do Elan com o vídeo 2b



Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

### *Anáfora por descrição definida, na Língua Portuguesa. E na Libras?*

Esta parte é reservada à análise da anáfora direta por descrição definida na Língua Portuguesa, a fim de observar, no *Corpus* Paralelo Português-Libras, como esse processo anafórico chega na Libras. Segundo Koch e Elias (2006), tais anáforas “desempenham uma série de funções cognitivo-discursivas de grande relevância na construção textual do sentido” (KOCH; ELIAS, 2006, p. 137). Vejamos:

Quadro 03 - *Corpus* Paralelo Português-Libras: anáfora por descrição nominal definida na Língua Portuguesa

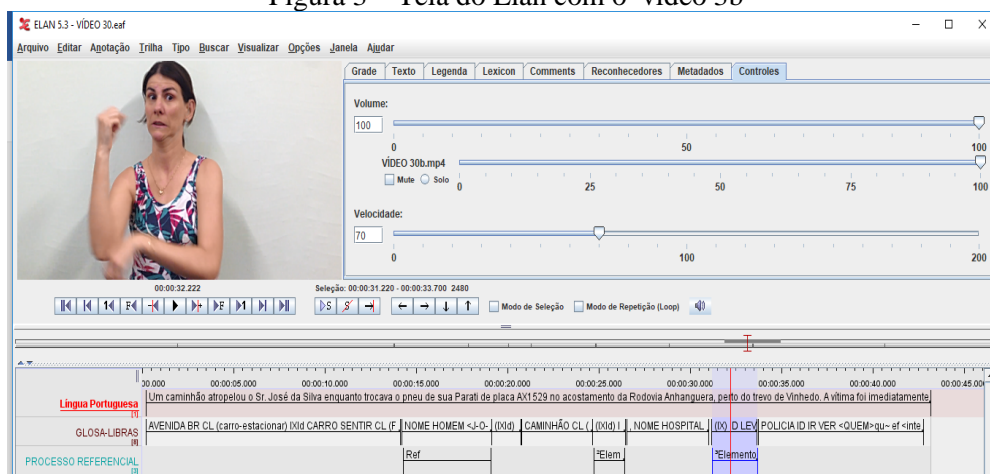
--	--

<p>(3a) Um caminhão atropelou o <u>Sr. José da Silva</u> enquanto trocava o pneu de sua Parati de placa AX1529 no acostamento da Rodovia Anhanguera, perto do trevo de Vinhedo. <b>A vítima do acidente</b> foi imediatamente socorrida pelo próprio motorista, que o recolheu ao hospital S. Vicente. Os dois veículos foram vistoriados pela polícia rodoviária. Ficou confirmado que estavam ambos em péssimo estado de manutenção.</p>	<p>(3b) AVENIDA BR CL (carro-estacionar) IXld CARRO SENTIR CL (FURAR-PNEU) NOME CARRO P-A-R-A-T-I NUMERO PLACA A-X-1-5-2-9 <u>NOME HOMEM &lt;J-O-S-E D-A S-I-L-V-A&gt; Id</u> CONSERTAR ARRUMAR MUDAR. CAMINHÃO CL (caminhão-bater-carro) MOTORIST@ CL (descer-caminhão-correr-desesperado-ver) ef&lt;desespero&gt;, <b>(IXld)ØLEVAR HOSPITAL ef&lt;preocupado&gt;</b>, NOME HOSPITAL &lt;QUAL&gt;qu~ ef &lt;interrogativa&gt; S-A-O V-I-C-E-N-T-E <b>(IXld)ØLEVAR GRAVE ef&lt;apreensivo&gt;</b>. POLICIA ID IR VER &lt;QUEM&gt;qu~ ef &lt;interrogativa&gt; ACONTECER ID IR PROBLEMA ID &lt;VER&gt;+++ CARRO CAMINHÃO TER PROBLEMA DEFEITO VELHO.</p>
--	---

O recorte textual em Língua Portuguesa é composto pelo referente “o Sr. José da Silva”, que é retomado por uma descrição nominal definida “a vítima do acidente”. Esse é um processo referencial cuja descrição nominal definida é mais amena, ou seja, por se tratar de um noticiário, há uma certa neutralidade no uso da linguagem, evitando possível juízo de valor. Na Libras, o surdo constrói o referente mediante o alfabeto manual NOME HOMEM <J-O-S-E D-A S-I-L-V-A> Id, marcado no espaço de sinalização do lado direito do usuário da Libras. Com esse referente estabelecido, temos na sequência sua reconstrução. Na glosa-Libras (3b), o objeto do discurso é retomado em dois momentos, em uma perspectiva diferente da Língua Portuguesa: “(IXld) Ø LEVAR HOSPITAL ef<preocupado>” e “(IXld) Ø LEVAR GRAVE ef<apreensivo>”. As retomadas são realizadas mediante o verbo LEVAR, que, em paralelo com o olhar direcionado para o local em que o referente foi construído, e com a expressão facial marcada, constitui a correferência *dêitico-anafórico de classe padrão por elipse*. É comum o uso da elipse do sujeito quando se usa verbos espaciais (BERNARDINO, 2000), nesse caso, o verbo LEVAR. Os verbos espaciais denotam movimento e posição no espaço e, por essa razão, admitem afixos locativos, que identificam locais no espaço neutro da sinalização. Vale destacar que alguns autores simplificaram a classificação dos verbos em apenas duas

classes, sem e com concordância, incluindo os verbos espaciais nessa última categoria, por apresentarem o mesmo comportamento sintático (QUADROS; KARNOP, ). Devido à exploração do espaço feita durante o processo de construção das cadeias referenciais, por meio de pontos específicos estabelecidos no espaço de sinalização, a retomada por meio de alguns verbos não gera dúvida sobre qual referente se está falado. Em outras palavras, o uso dos indicativos espaciais permite a *correferência* explícita e reduz a possibilidade de ambiguidade. Esse é um recurso exclusivo da modalidade visuoespacial (FERREIRA BRITO, 2010). A seguir, a figura 3, apresenta a tela do programa Elan referente ao vídeo (3b), com suas trilhas e a imagem congelada do sinalizante:

Figura 3 – Tela do Elan com o vídeo 3b



Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

### *Anáfora por hiperonímia, na Língua Portuguesa. E na Libras?*

Trazemos, na sequência, o *Corpus* Paralelo Português-Libras composto de anáfora por hiperonímia na Língua Portuguesa, com a intenção de observar como esse processo anafórico se comporta na Libras. É relevante destacar que o hiperônimo, quando assume papel anafórico, “pode ter a função de retomar um termo pouco usual, atualizando, assim, os conhecimentos do interlocutor” (KOCH; ELIAS, 2006, p. 141). Vejamos o quadro a seguir, nomeado “*Corpus* Paralelo Português-Libras: anáfora por hiperonímia na Língua Portuguesa”, juntamente com sua análise:

#### Quadro 04 - *Corpus* Paralelo Português-Libras: anáfora por hiperonímia na Língua Portuguesa

--	--

(4a) O <u>liquidificador</u> está com um barulho estranho. O <b>aparelho</b> deve estar com problemas.	(4b) <b>LIQUIDIFICADOR</b> sf &=motor <b>IX(EST@)</b> <b>LIQUIDIFICADOR</b> od <b>BARULHO</b> <QUEM>qu ~ <b>ESTRANHO</b> sf <b>PROBLEMA</b> <b>IX(EST@)</b> <b>LIQUIDIFICADOR</b> od-ef <preocupado>.
--	---

O recorte textual (4a) é constituído pelo referente “liquidificador”, o qual é recategorizado por uma anáfora direta por hiperonímia, gerando uma relação semântica hierárquica, conforme observado também em outros exemplos. Na glosa-Libras (4b), o referente é construído no espaço de sinalização da seguinte maneira: **LIQUIDIFICADOR** sf &=motor. O surdo, no processo tradutório, lança logo a seguir uma primeira retomada, marcada pelo pronome (IX)(EST@), juntamente com a repetição do objeto do discurso: **IX(EST@)** **LIQUIDIFICADOR** od. Esse processo referencial merece destaque, uma vez que o surdo constrói os dois sinais simultaneamente no espaço referencial neutro, ou seja,


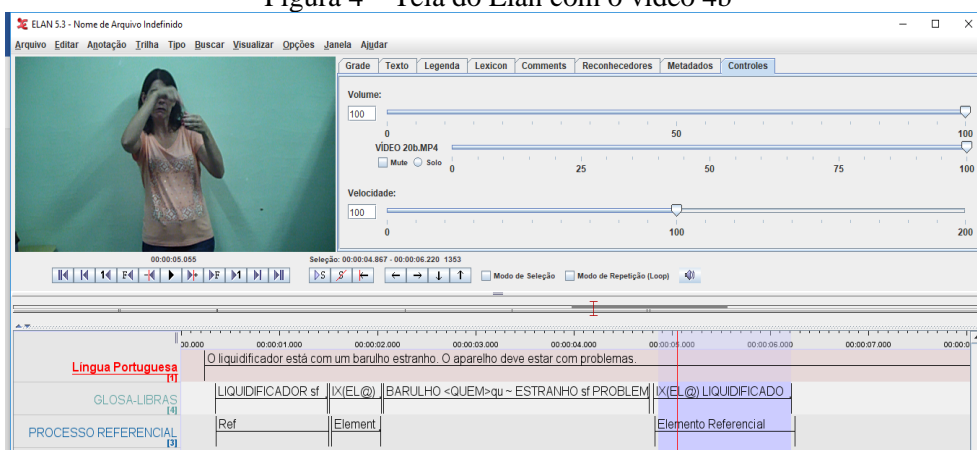
mantem o braço esquerdo semiflexionado, com a configuração de mão em C ()<sup>29</sup>, caracterizando o sinal de **LIQUIDIFICADOR**; e ao mesmo tempo, realiza o apontamento manual com a mão direita, por meio da configuração de mão em G, com o olhar também direcionado para o referente. Não bastou para o sujeito surdo retomar somente “**LIQUIDIFICADOR**”, foi necessário também localizar o ambiente de marcação desse elemento, uma vez que ele já foi previamente introduzido no espaço discursivo. Nas línguas visuoespaciais, o espaço e o apontamento são componentes efetivos da anáfora, principalmente quando se trata de uma anáfora pronominal (SCHENKER, 2016). Funciona como se as coordenadas dêiticas fossem projetadas em espaços anafóricos, por isso, tem-se o dêitico-anafórico (MEURANT, 2008). Nesse contexto, denominamos essa ocorrência como *dêitico-anafórico pronominal-cossignificativo*. Além dessa primeira reconstrução do objeto do discurso, dando sequência à cadeia referencial, há outra retomada que se configura na mesma perspectiva da anterior, com acréscimo da expressão facial marcada: **IX(EST@)** **LIQUIDIFICADOR** od-ef <preocupado>. Assim sendo, temos outro caso de *dêitico-anafórico pronominal-cossignificativo*. Vejamos na figura 4, referente ao vídeo (4b), o exato momento do processo referencial em destaque, além das trilhas integrantes:

Figura 4 – Tela do Elan com o vídeo 4b



Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

*Anáfora por nome genérico, na Língua Portuguesa. E na Libras?*

Esse momento é dedicado à análise da anáfora por nome genérico na Língua Portuguesa a fim de observar se esse processo referencial se mantém ou não na Libras, bem como se assume outra categoria. “Os termos genéricos têm a função de retomar de maneira ampla e geral os elementos linguísticos que o antecedem na superfície textual” (BERNARDI, 2012, p. 61). Vejamos o quadro abaixo, nomeado “*Corpus Paralelo Português-Libras: anáfora por nome genérico na Língua Portuguesa*”, junto à análise:

Quadro 05 - *Corpus Paralelo Português-Libras: anáfora por nome genérico na Língua Portuguesa*

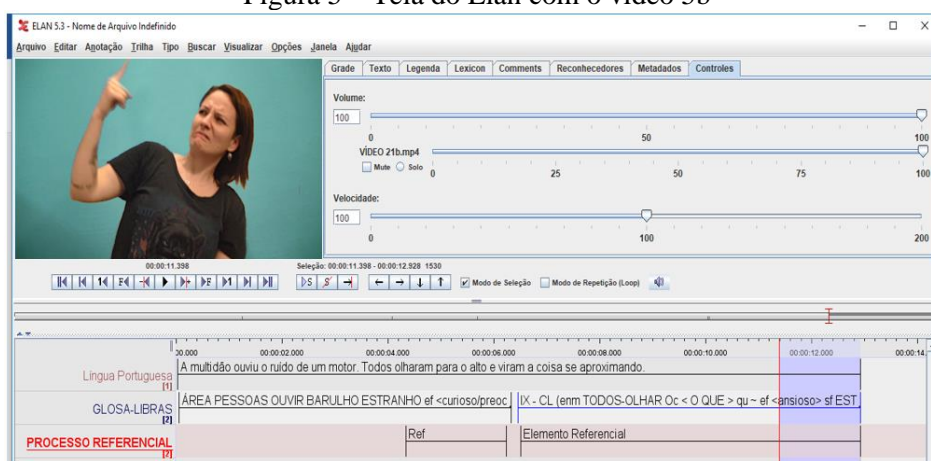
<p>(5a) A multidão ouviu o ruído de <u>um motor</u>. Todos olharam para o alto e viram <b>a coisa</b> se aproximando.</p>	<p>(5b) TODAS PESSOAS OUVIR BARULHO ESTRANHO ef &lt;curioso/preocupado&gt; sf <u>MOTOR</u> &amp;=motor ld oc od. <b>IX - CL (enm TODOS-OLHAR Oc &lt; O QUE &gt; qu ~ ef &lt;ansioso/dúvida&gt; sf ESTRANHO-VIR).</b></p>
---	--

O recorte textual em Língua Portuguesa (5a) é composto pelo referente “um motor”, que é retomado por meio de uma anáfora direta por nome genérico, “a coisa”. Por não ter conhecimento do que se tratava aquele barulho de motor se aproximando, o enunciador reconstruiu o objeto do discurso mediante um termo vago, inespecífico. Na glosa-Libras (5b), o surdo já apresenta no início da sinalização, no espaço discursivo, vestígios manuais e faciais de dúvida, curiosidade sobre o barulho que se escuta, e

constrói o referente considerando um som de um motor se aproximando do lado direito do sinalizante: MOTOR &=MOTOR Id oc od. Com o referente construído, em seguida, o surdo o retoma, arquetetando toda ação referencial por meio um dêitico-anafórico de complexa unidade manual e não manual, ou seja, por meio de uma *EAI/Transferência*: IX - CL (enm todos-olhar Id oc sf < o que > qu ~ ef <ansioso> sf estranho-vir). Nesse processo referencial encontramos: (i) padrões específicos do olhar – todos olhando para o alto em busca de conseguir compreender o que é o som de motor que se aproxima; (ii) formas manuais que codificam atributos perceptíveis salientes das relações entre o referente e o elemento referencial - nesse caso, todo o classificador construído visa a representar o referente em questão; e (iii) expressões faciais marcadas – olhar para a direita do sinalizador e para o alto, com sobrancelhas e testa franzidas, expressão facial de dúvida, ansiedade e ao mesmo tempo de curiosidade. De fato, o tradutor ilustra o que se diz em (5b). Assim sendo, as *EAI/Transferências* são concebidas como vestígios de operações cognitivas por meio das quais os sinalizantes transferem a sua concepção do mundo real para o mundo tetradimensional do discurso sinalizado (as três dimensões do espaço acrescidas da dimensão tempo). Por todos esses fatores elencados, temos um *dêitico-anafórico por EAI/Transferência*.

Na figura 5, visualiza-se a tela do programa Elan referente ao vídeo (5b), tendo em vista as trilhas criadas e a imagem congelada do tradutor durante a construção do processo referencial:

Figura 5 – Tela do Elan com o vídeo 5b



Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS



Tendo em vista que a Libras, assim como qualquer outra Língua de Sinais, é organizada espacialmente, de forma visual, tivemos, na pesquisa realizada, poucos casos semelhantes aos que adotamos na língua de partida (Língua Portuguesa). A maioria das análises nas glosas-Libras apresentou características da própria língua na constituição do processo referencial, considerando, por exemplo, o uso simultâneo entre a anáfora e a dêixis no espaço de sinalização – retomar e apontar para o ponto específico em que o referente foi construído.

Pudemos verificar, nas glosas-Libras, a constante presença do dêitico-anafórico de classe ‘padrão’, realizado por meio de apontações manuais e visuais, que estabelecem posições marcadas no espaço (os ‘loci’). Subdividimos esse processo referencial em algumas categorias, conforme as características evidenciadas nas análises: *dêitico-anafórico pronominal singular*; *dêitico-anafórico cossignificativo*; *dêitico-anafórico pronominal-cossignificativo*; *dêitico-anafórico por elipse*. Tivemos também nas glosas-Libras a acentuada presença do dêitico-anafórico de classe de complexas unidades manuais e não manuais, que apresentam características altamente icônicas – EAIs ou ‘Transferências’.

Os elementos referenciais utilizados pelo sujeito surdo no processo de tradução da Língua Portuguesa para a Libras mostraram-se estratégias fundamentais para a condução da cadeia referencial na Libras, considerando a modalidade visuoespacial. Quando o surdo utilizou determinado processo referencial, ele não o fez aleatoriamente, ao contrário, havia em sua escolha finalidades comunicativas, as quais podem ser reveladas a partir de conhecimentos culturalmente compartilhados pelos usuários da Língua de Sinais, em um processo discursivo.

Em suma, partindo da perspectiva da *Referenciação* como uma prática discursiva, marcada por situações sociocognitivas e interacionais, torna-se indispensável destacar a simultânea relação entre a anáfora e a dêixis presente nas glosas-Libras analisadas, contribuindo para a construção dos sentidos na Libras, e representando dinamicidade e a fluidez entre os processos referenciais.

## REFERÊNCIAS

- APOTHÉLOZ, Denis. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. In: CALVACANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.
- BERNARDI, Eviliane. *Análise do processo anafórico em textos produzidos por alunos do terceiro ano do ensino médio de uma escola pública de Cascavel – PR*. 145f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Cascavel, 2012.
- BERNARDINO, Elidea Lúcia. *Absurdo ou lógica?: a produção linguística do surdo*. Belo Horizonte: Profetizando Vida, 2000.
- CIULLA, Alena. *Os processos de referência e suas funções discursivas: o universo literário dos contos*. 2008. 201f. Tese (Doutorado em Linguística). Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.
- CUXAC, Christian. La Langue des Signes Française (LSF). Les voies de l'iconicité. *Faits de Langues*, p. 15-16. Paris, 2000.
- FERREIRA BRITO, Lucinda. [1995]. *Por uma Gramática de Línguas de Sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.
- HAAG, Cassiano Ricardo; OTHERO, Gabriel de Ávila. Anáforas associativas nas análises das descrições definidas. *ReVEL - Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, v. 1, n. 1, p. 1-16, ago. 2003. Disponível em: <www.revel.inf.br>. Acesso em: 10 set. 2016.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.
- \_\_\_\_\_; MARCUSCHI, Luiz Antônio. Processo de referenciação na produção discursiva. *DELTA - Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 14, n. especial, p. 169-190, 1998.
- LANDALUCE, Javier. Fernández. *La deixis en la Lengua de Signos Española (LSE): Efectos de la modalidad espaciovizual*. Tesis (Doctorado en Lengua). Universidad del País Vasco, 2015.
- MEURANT, Laurence. Le regard en langue des signes. *Anaphore en langue des signes française de Belgique (LSFB): morphologie, syntaxe, énonciation*. Namur. Presses Universitaires de Rennes / Presses Universitaires de Namur, 2008.
- MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, Mônica; RODRIGUES, Bernardete; CIULLA, Alena (Orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. (Coleção Clássicos da Linguística).
- \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. Construction des objets de discours et catégorisation: une approche des processus de référentiation. *TRANEL*. Vol. 23. Neuchâtel. Institute de Linguistique de l'Université de Neuchâtel. 1995. p. 273-302.
- MORAIS, Margareth. Andrade. *Referenciação em campo: a construção de sentidos nas notícias esportivas*. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- PIZZUTO, Elena; ROSSINI, Paolo; SALLANDRE, Marie-Anne; WILKINSON, Erin. Deixis, anáfora e estruturas altamente icônicas: evidências interlinguísticas nas línguas de Sinais Americana (ASL), Francesa (LSF) e Italiana (LIS). In: QUADROS, Ronice Müller de; VASCONCELLOS, Maria Lúcia Barbosa (Orgs. e Trad.). *Questões teóricas das pesquisas em língua de sinais*. Editora Arara Azul. Petrópolis, 2006. Disponível em: <<http://www.editora-arara-azul.com.br/ebooks/catalogo/36.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2016.

QUADROS, Ronice Muller de; PIZZIO, Aline Lemos. Aquisição da língua de sinais brasileira: constituição e transcrição dos corpora. In: SALLES, H. (Org.) *Bilinguismo e surdez*. Questões linguísticas e educacionais. Goiânia: Cãnone Editorial, 2007.

\_\_\_\_\_; KARNOPP, Lodenir. *Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos*. ArtMed: Porto Alegre, 2004.

REIS, Leidiani da Silva. *O Processo Referencial na Libras face às Ocorrências Anafóricas em Língua Portuguesa*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), 2019.

SANTOS, Leonor; CAVALCANTE, Monica. Referenciação: continuum anáfora-dêixis. *Intersecções*, Jundiaí, v. 12, n. 1, maio. 2014.

SANTOS, Renata Souza. Os gêneros discursivos em livro didático para surdos: análise dos procedimentos tradutórios aplicados de português para Libras. In: ALBRES, Neiva de Aquino; SANTIAGO, Vania de Aquino. *Libras em estudo: tradução/interpretação*. São Paulo: FENEIS, 2012.

SCHLENKER, Philippe. *Conditionals as definite descriptions: a referential analysis*. Research on Language and Computation , 2016.

Data de recebimento: 28/11/2019

Data de aprovação: 29/01/2020